

Maria Teresa Horta

MENINAS

Contos



D. QUIXOTE



# I

Lilith .....	15
Daninha .....	23
Recém-nascida .....	31
Desobediência .....	33
A ilha .....	37
Ondas .....	47
Abismo .....	51
Efêmera .....	55
Lápis-lazúli .....	63
A Espia .....	69
Calor .....	73
Raquel .....	83
Eclipse .....	91
Perecível .....	99
Azul-da-China .....	115
Branca de Neve .....	123
Azul-cobalto .....	129

## II

Erzsébet .....	155
Assombrada.....	165
Transformação.....	171
Maria do Resgate.....	181
Fatal.....	187
O Retrato.....	197
Perdições.....	205
Lupina.....	217
A princesa espanhola.....	227
Katie Lewis.....	233
Inocência perdida.....	247
Solidões .....	253
A infanta princesa.....	259
Sem culpa.....	265
Estrela .....	275
Meninas.....	301

I



# LILITH

A cortina volta a tapar aquilo que imagino ser claridade vacilante. Aquietas-te na obscuridade, palmas abertas sobre a almofada a fazeres ninho sob a lisura do rosto. Suspeitosa, recuo o que posso e fico atenta ao bater compassado do teu coração; mas logo me distraio a misturar a minha respiração com a tua, alinhando o coral dos nossos lábios: quatro linhas perfeitas e unas.

Com a nudez dos corpos a formarem um único.

Tacteo e vou folheando o espaço à minha volta. Creio começar a distinguir os sinais tépidos e pouco distintos que envias, na tentativa de me dares a conhecer a tua beleza de cisne, quase infantil ainda. Perplexa, desenlaço-me das tuas coxas e inicio com cuidado um novo gesto vagaroso, assim buscando aproximar-me mais de ti pelo avesso, tecidos luminosos a resistirem aos meus dedos numa descoberta intranquila.

Viras-te de costas com lentidão indiferente, obrigando-me à imobilidade, emparedada pelos teus músculos, entre tendões, artérias e ligamentos; os ossos das ilhargas a demarcarem-te o ventre, nos quais desatenta me magoo e me detenho, sufocando, arfando um tudo-nada. Paro, engulo os humores espessos que se formaram na minha garganta, e desloco-me com a intenção de copiar as posições que tomas na cama; e desse modo chego à tua

beira, pelo sítio onde se inicia a subida até à tua cintura agora inexistente.

Numa avidez febril.

Consciente de que o teu alheamento me repele, mas que o teu silêncio e a tua imobilidade me autorizam. Ponho-me então de bruços e alongo-me, o que me permite detectar a tepidez da pele da tua barriga, degustando-te os densos sabores estriados de salva e de baunilha, e os mesclados odores a deserto e a gardénia das águas tamisadas onde flutuo, numa ondulação de embuste e mistério a contribuírem

para te adivinhar: petulante e cruel, ardilosa e perturbadora. Suspendo os movimentos que me denunciam e mergulho no plasma madreperla, em leitosas marés de bruma, ciente da fibrosidade lacada dos teus tornozelos e pulsos quebradiços, que anseio por tocar.

Surpresa, sinto chegar a dor: seta afiada, ácida, laminada, a lacerar-me as articulações dos braços, idênticos a delgados juncos, enroscados em torno do lugar onde fantasio situar-se a curvatura das tuas ancas. Iço-me, relutante, pois deixei de escutar-te os gemidos, não obstante continuar a saborear-te o áspero sal das lágrimas, que me enchem a boca com o sabor ázimo da vertigem. Por segundos aquieto-me interdita, até julgar reconhecer ao longe o azul transparente do cintilante cristal dos teus olhos. E apesar das sombras, retrocedo no sentido inverso daquele para onde, sem dar por isso, começo a ser empurrada, mansa na tentativa de ganhar alento,

nesse devaneio regressando ao ponto de partida. Supondo-me segura, permito-me dar conta do equinócio do teu sangue, do qual tenho uma dependente sede de vampira. Bebo-o gulosa, à mistura com as imagens dos sonhos antes de estes te inundarem, precipitando o pranto; sei que choras a dormir e, cautelosa deslizo, cada uma das unhas resvalando nas delicadas hastes dos



teus nervos. Desapiedada, dá-me prazer que estremeças, obstinadamente ignorando a culpa.

Arrepio-me ao não encontrar motivo para a sensação de falta que experimento, quando ao tentares olvidar-me te afastas, maltratando-me, pois sem a tua atenção adoço, murcho, seco, encolho-me. Rastejo primeiro e em seguida imobilizo-me, temendo que me escapes, a privares-me assim de mim própria, dado uma coisa levar à outra nesta história de amor e morte, que jamais terá um final feliz; talvez por isso excedo-me ao reinventá-la cada vez que a conto, agudizando os laços dos teus mênstruos escarlates, a seda dos teus vestidos, o adamascado cetim da tua nuca, o perfume orvalhado dos teus ombros de porcelana, o almíscar morno das tuas axilas, os nós de rubis dados na ondulação frisada dos teus cabelos louros, em contraste absurdo com os meus, nocturnos e lisos, que obrigarás às tranças que detestarei até ao termo da infância desaparecida demasiado cedo, porque a tua loucura imponderável nunca será tolerante nem gentil comigo.

Torno a alinhar-me a par contigo: as duas sobrepostas. Travo amargo colhido no universo perverso da inocência, terreno onde o sentimento cede, condenando a transfiguração do nosso relacionamento. Fica a sobejar somente um vaguíssimo espaço de fluidos difusos onde absurdamente lenta me distendo, como se boiasse, mas afinal nadando em ti.

Antecipando a fragilidade e o calor uma da outra.

Mexas-te na escuridade onde sonhas e eu te navego pelo dentro mais fundo, nele batendo com a planta vulnerável dos meus pés. Aí esbracejo, mergulho e torno à superfície pretendendo salvar-me, e só o leve pulsar das veias das tuas virilhas me mostram a direcção do teu olhar turquesa, através do qual destrinço o que não adivinхо.

Inconstante tu, e eu obsessiva.

A guiares-me os jeitos, a radicalizares-me as fantasias e os medos, a influenciares-me os gostos, a instigares-me à ausência apagando-me o carácter, tentando reduzires-me à tua imagem e semelhança: clone que recusarei ser pelos trilhos da vida, destino fora; cidades das quais nada recordarei, nem das matas sombrias, nem dos bosques frondosos,

territórios das fadas, nem das florestas enfeitçadas, com árvores por trás das quais se acoitam animais selvagens, idênticos aos que existem nos quadros de Henri Rousseau. Num deles descobrir-te-ei, mulher nua, reclinada num canapé, a dialogar com os tigres. Lilith de um paraíso artificial, impondo regras que tudo confundem, embora me fusionem contigo.

Experimento separar-me, ciente da contaminação da tua languidez, ausência e superficialidade. Vazio rugoso que aceito de bom grado, prevendo-te tão bela que escaparás a todo o entendimento, com uma vagarosa fatalidade feminina de opalas e jaspes, maligna e ameaçadora. Vistorio a clausura em que me encerras, arrisco seguir o rasto das tuas estêreis e fúteis decisões apressadas, desconhecendo que, impaciente, me virás a afastar mais duas vezes, ao longo da nossa vida futura.

Com uma negligência insustentável.

Por segundos imagino-me desgraçada, errando com os teus fantasmas e, rodando, tento conseguir reencontrar a rosa-dos-ventos, os remos, a bússola, o rumo certo para tornar a achar-te, indo num impulso incontrollável moldar-me às tuas costas, desejando retomar o odor do teu pescoço suado, onde curtas madeixas frisadas aderem humedecidas, adensando o seu ouro de camélia e de madressilva.

Respirar-te é um hábito que me há-de ficar.

Enquanto o teu inconsciente traça planos, desenha mapas de crimes perfeitos, inventa as melhores maneiras de me assassinares, ignorando que te escuto os pensamentos, enrodilhada

no danoso veneno das tuas células, dimensão do nada a que permiti ser reduzida, copiando-te os genes. No lugar que habitas deixaste-te adormecer, e ao acordares, transbordante de um amor incondicional, não te recordarás do ódio que me tiveste, ansiando por me atares de novo às tuas horas.

Ponto dobrado sobre ponto dobrado.

Pespondo de bainha aberta na dobra do lençol de linho onde rolaremos enoveladas uma na outra, numa espécie de luta matriacial, condenada. Lá fora a lua coalhada num céu azul-cobalto acobertará as lobas que defendem as crias, enquanto, através da poesia, tentarei descobrir a melhor maneira de te enfrentar nos dias vindouros, num divã de psicanalista,

dando conta, atónita, das tantas fórmulas que em menina utilizei para te preservar de ti mesma.

Sem remédio.

A minha consciência trocada pela tua.

Encolhida quase consigo esquecer-te, mas ao detectares a minha imobilidade estendes inquieta as longuíssimas pernas, deixando-me prisioneira. E como é hábito, acabo por ceder: desencosto a face do cimo dos joelhos unidos de lado, e pela primeira vez apercebo-me da necessidade cruciante de ar que começa a ganhar-me, encurralada mas já levada de rojo, apanhada pela corrente num revolteio imprevisível e desconhecido.

Confusa, tento inutilmente parar, controlar as contracções e os espasmos que me convocam, a arrastarem-me consigo; e é nesse instante que lanças um lento e distorcido brado, estridente e incontido na modulação convulsa, como se simultaneamente te admirasses quando o ouves. Aturdida, cuido de reencontrar o ar que entretanto deixou de circular através da tua respiração, deslizando-te na língua,

curvo-me sob a pressão aflita dos dedos crispados com os quais me primes as omoplatas num abraço imobilizador, sem a

preguiça dos habituais movimentos pesados aos quais nunca te adaptaste, mas a que eu aprendera a ajustar-me.

Nascidas de um oceano malva, as vagas entretanto formadas sobem e avizinham-se tomando altura, submergem o que encontram, misturam-se umas nas outras, enormes e definitivas, transportando-me consigo: retalhando o tempo, galgando e descendo num equívoco escorregar tropeçado; caudal feroz, implacável, que me cega, miserável, naufraga impelida contra-vontade a negar a nossa afeição, constrangida ou oferecida ao total negrume humedecido e fervente que me cerca.

Perco-me de ti.

Ou serás tu que me expulsas, farta da minha obstinada presença?

Imediatamente arrependo-me das recriminações, do desagrado a que cheguei a entregar-me, das dúvidas que me ocorreram a teu respeito. Recuo de desprazer, apesar de as antigas suspeitas se confirmarem: expatrias-me, apartas-te, abres mão de mim. Assim, num último assomo de revolta, desobedeço ao teu corpo: agarro-me às roseiras das suas margens, aos goivos da tua placenta, aos rubis dos teus vasos sanguíneos, deixo de respirar...

Debruço-me, finco os calcanhares no teu limoso chão, e apercebendo que me afojo cuspo, vomito, arfante, os últimos sucos. Mas nem isso me demove: acocorada, agachada nas tuas fundações suponho-me ocultada pelo vulto uterino, pelo galope apressurado do teu coração, e sufocada encosto-me, colo-me aos teus muros, presa de uma teimosia que poderá ser o fim de ambas.

De longe chegam vozes desconhecidas, assustosas, os susurros distorcidos, as ininteligíveis ordens dadas em surdina. Aterrada, sou impelida para a frente na determinação de me arrancarem à linfa nacarada e opalina do teu interior, como se me quisessem salvar de ti, para quem afinal continuo a tentar correr. Não detectando o que me dói mais, se aquilo que entendo

ser o teu rejeite, se o pavor do perigo que pressinto a espreitar-me na pressa,

no torvelinho que me envolve, me arremessa e arrasta. Espaço revolto por onde atordoada me atiro num delíquio, sentimento do qual desconheço o nome. E estilhaçadas as brumas e as névoas, atinjo a luz de uma brancura incandescente que toma conta de tudo à sua volta, distorcendo a avidez, deturpando as emoções, encrespando os sentidos. Precipício na borda do qual desemboco ofuscada, apavorada com aquilo que tomo como sendo a maior de todas as ameaças.

Escancaro novamente a boca para inspirar e não consigo;

aflita busco a tua ajuda, mas tal como te lembro deixaste de existir. Tudo o que conhecia, aliás, já terminou: os espaços distorceram-se, as cores mudaram, as pistas confundiram-se, os sinais alteraram-se. O frio invadiu o lugar do fogo, a doçura foi trocada pela rudeza e o embalo pela dureza desabrida.

Em contrapartida, à minha passagem despontam as silvas, a perversidade das urtigas, as ervas daninhas, as garras aceradas, as acutilâncias ríspidas e fragosas, nas quais, desprotegida, me firo e corto e queimo, me pico e arranho, garganta contraída e forçada por emudecidos soluços que a violentam em haustos e depois se entrançam, e quando o grito sai e rola finalmente liberto,

logo retorna ao seu começo, repetindo-se nessa urgência, transportando consigo um muco grosso que me abafa, a descortinar no palato o resto do teu dolente gosto amendoado. E sem conseguir precisar o que me cerca, ergo os braços ensanguentados, pegajosos da seiva viscosa da tua placenta, e levo os punhos fechados ao queixo molhado pelos líquidos, os líquenes da tua intimidade.

Resvalando, deslizando, apercebendo-me de estar a perder a memória; mas inconsciente ainda de estar a aproximar-me, cada vez mais e mais,

do perfeito abandono a que leva o nascimento.



# DANINHA

## I

Depois das palavras estão as palavras,  
caminho ou atalho ou trilho por onde escapa o pensamento, num desassossego, num avassalamento, numa invenção de outros universos e céus antigos, onde se misturam planetas, nebulosas, mundos inventados, habitados pela estranheza dos seres mínimos ou de monstruosos animais cruentos; universos destruídos por dilúvios, tempestades, rochas incandescentes

e montes, serras, cimos de vomitarem fogo. Vulcões com o seu intenso cheiro a cinzas, a lava, a enxofre.

Forja de lume.

E as trevas cobriram a face do abismo. Iludindo a luz com o maior negro, por onde os mares corriam num rugido insustido.

Até ao separar das águas.

*«Águas reptis de alma vivente, e aves que vôem sobre a terra, debaixo do firmamento do céu.»*

E a menina entra para dentro de cada palavra e existe mesmo antes de nascer e sair do lugar de claridade coada, no interior do corpo materno.

Deméter?

No início ela chorara muito.

Ainda na barriga da mãe, porque isso é dado acontecer a quem como ela comporta a diversidade, a diferença; voraz, desacertada no mundo que a pretenderá mudar, a sufocará e a acanhará tanto, que por vezes parece querer tirar-lhe o ar do peitinho liso, de tão justa que a vida lhe fica.

Modo de ela ser na teima e no cardo da alma, a tomar para si o tumulto das alvas, dos eclipses, dos equinócios, dos espinhos e das farpas, deslizando junto dos enigmas que desconhece, dotada de um outro entendimento, de uma outra visão impossível.

Gosta de olhar as constelações, estrelas de navegação e nebulosas nos mapas astrais, por onde correm os lince e as panteras da escuridade. A encontrá-las no espaço, cintilando de estrelas, de asteróides, de cometas...

Cruzeiro do Sul, Cisne e Cassiopeia.

Teima em imaginar no infinito um sítio onde possa ficar. Viver? Mas ela não sabe bem ainda o que isso significa.

O infinito sim,

e tenta chegar-se-lhe quando, sentada na clareira de um bosque de bétulas, o seu olhar claro atravessa os negros da noite, trazendo até si pela primeira vez a lua cheia, e geme tão baixo que nem a si mesma se escuta ou sabe que ruído é aquele que parte da sua garganta, tal como quando começaram a crescer-lhe as asas, que sempre cuida de tapar da luz do dia, afastadas dos olhares desconfiados e perigosos de inquisidores sombrios, com a brusquidão e a severidade da ameaça.



Ao passarem por ela, as mulheres persignam-se e seguem encostadas às paredes e aos muros, o olhar no chão, sem jamais a encararem nos olhos de azulado cristal glacial.

Cegueira mate, afirmam,

acusando-a de coisas ínvias e tenebrosas, perniciosas, num desdém equívoco. Insidiosas e matreiras, evitam-na quanto podem, a desviarem-se do seu caminho na recusa de pousarem os pés nos passos do seu trilho. Mas, pertinaz, ela não se desvia, grão de pó, noz, bago e semente, leite do peito e mágoa.

Terra.

Essência profética, essência poética, perturbadoras, outras vezes apenas a crueldade

no seu eixo vertiginoso e devorador.

A menina esquiva-se de quem dela se afasta, e teme quem lhe tem medo, recusando olhar a face de quem a acusa de se esconder da luz do dia, certos de que aprimora o escuro, convoca as trevas, num mesmo gesto arrasador embora igualmente arredo.

Implacáveis juízes da tenebrosidade.

– *Daninha* – julgam-na num murmúrio, sumindo do seu lado e ela faz da fraqueza força, encolhida, enroscada em si mesma.

*Eu sou o Sol e a Lua, eu sou o Mundo, eu sou o nada e o absoluto...* – entende, sem compreender como imaginar o futuro.

– *Ah, as excessivas, as alumbradas!* – exclamam aqueles que referem os êxtases femininos. Suas visões e vozes que ninguém mais escuta.

Elas nunca se distraem nem iludem.

## II

Depois das palavras vêm as palavras  
e os nomes, as expressões lídimas, a dar forma e sentido a  
tudo, âmago, interioridade.

Água e fogo.

Magma.

A menina passa a usar uma pequena serpente enrolada no pulso  
e rubis disseminados a contaminarem-lhe os sangues, enquanto  
percorre os solstícios dos versos com as suas melodias interiores.

Proserpina?

Tal como ela raptada, sem no entanto se deixar estiolar no  
espaço da escuridez para onde fora arrastada. Reino das profun-  
dezas da terra onde resguardara reflexos de sol numa romã acesa.

Hades.

Tão assustadora quanto a nocturna caverna pantanosa da  
Hidra, caverna envenenada pelos seus sete hálitos, junto ao lago  
de Lerna, e talvez por isso, também, a menina tema tanto as  
águas iniciáticas que a natureza talha, correntezas do universo  
buscando as enseadas onde ela indefesa sobrevivia a custo.  
Escudando-se, no entanto,

com a extrema beleza das auroras boreais,  
que sempre a conduziam de novo até ao cimo da terra,  
menina sôfrega a respirar o ar puro. «*Porque ela já dançou sobre as  
estrelas*» – garantem os anjos astrónomos.

E o Princípio foi o seu início, como se tocasse o absoluto  
e soubesse o nada depois do caos.

– *Eh, Epaine! Daninha!* – ouve-os a chamarem-na num sus-  
surro, à sua beira vazia. E ela que antes de nascer chorara dentro  
da barriga da mãe, tapa os ouvidos com cera pálida, assusta-se  
diante dos negros de novo e de novo retomados.

No entanto, de madrugada forma-se uma geada acompa-  
nhada de neblina translúcida, que nimba os cumes das monta-  
nhas mais altas, e uma ligeira aura rosada tece à sua volta uma  
levíssima teia, como se fosse um labirinto onde a pretendessem  
enredar para sempre.

Ariane,

lembra-se de súbito, sem no entanto destrinçar aquilo que  
recorda daquilo que sabe mas ilude, assim tripudiando, que-  
rendo escapar ilesa a cada um dos poderes que infringe; pois  
mesmo sendo-lhe proibida a árvore do conhecimento, ela  
comeu o seu fruto, aquele que lhe dá a entender a sua condição.  
E o castigo devido à desobediência chega-lhe em forma de praga  
premonitória:

«*Ela produzirá espinhos e abrolhos! E armará traições ao teu calca-  
nhar.*»

Ela será o fim e o início.

Menina em busca de si mesma, à sombra da árvore da vida,  
junto da árvore da ciência do bem e do mal, em entrega e expo-  
sição.

E nada existe ocultado à sua própria beira.

### III

Depois das palavras vêm as palavras dos versos,  
dos poemas, o universo da escrita onde a menina se acoita,  
sabendo ser lugar de salvação e descobrindo o assombro.

Universo, diz no primeiro dia,  
atalhos, vales, florestas e precipícios. Ensombramentos e clari-  
dades de cumes e ventanias.

Alagadas planícies a perder de vista. Rios ignotos, camuflados,  
a tentarem penetrar, descer empapando a terra ou nela se infil-  
trando de outro modo que não por via das enxadas e das pás, mas  
pelos espinhos das plantas ou fio e gume de fundações e raízes,  
seguindo pelos interstícios dos encobertos dons da natureza,  
que ela tanto gostaria de decifrar.

Universo, diz no primeiro dia,  
a dar conta da existência de um canto, de um coro ou de um  
cântico, a fazer a gesta de toda a criação.

Entre o mundo, os céus, as deusas e os deuses vorazes.

Eva? Não, ela é antes.

Lilith? Não, ela é anterior a si mesma.

Esquiva, ansiosa e arredia, sentindo todos os entrelaçados odores febris que cada letra guarda, cada metáfora e mito, cada uma das rimas. Nem as odes nem os sonetos nem as sonatas lhe bastam.

– *Deixa que te procure no vulto* – diz-lhe Uriel, o anjo da poesia, e ela cede, embora saiba que nem sequer daninha a consideram entre a ordem dos anjos. «*Todo o anjo é terrível*», escreverá séculos mais tarde o poeta; todo o anjo é impiedoso, todo o anjo é sedutor, olhar perdidamente melancólico e esplendorosas asas fulvas que ela não se atreve a comparar às suas, incipientes e pálidas, embora matizadas de carmim e violeta.

Mas será a menina quem acabará por desentrançar as luzes e as cores umas das outras, os sons e as lágrimas e o riso na contradição dos sentimentos. Também as paixões e a maldade, a dádiva, a mesquinhez e a inveja.

E na pressa do sobressalto, ela entorna os negrumes do tempo.

Adivinhando o perdimento do espaço.



## RECEM-NASCIDA

Estou no berço virado de frente para ela,  
vagarosa a descobri-la, tão igual àquela que eu imaginara, a  
onda do seu cabelo dourado espalhado no linho da almofada, a  
face macerada e muito pálida. Olheiras pisadas a afundarem-lhe  
o olhar de genciana azul toldado por uma espécie de neblina que  
entretanto se levantara do rio do seu próprio corpo.

Ela dorme?

Sim, dorme e depois acorda, volta a adormecer e acorda de  
novo, como se uma corrente marítima se desprendesse dela,  
indo e retornando no seu ciclo lunar; a certa altura descubro-a  
a fitar-me, e então o nosso olhar encontra-se pela primeira vez.

Deslumbrada estremeço, arrulhando

como uma pomba.

Mas, apática, ela logo se afasta de mim, de regresso à corren-  
teza do sono. Semicerro os olhos a tentar distingui-la com mais  
precisão, mas isso faz com que tudo pareça ainda mais difuso. No  
entanto não desisto, esmero-me na espera, embora as penum-  
bras do quarto se avolumem à medida que o dia passa.

De vez em quando aparece alguém que se debruça sobre nós,  
mas ela continua sem dar acordo de si; apesar de tudo ajeitam-na  
e em seguida inclinam-se sobre mim, e embora feche os olhos

depressa levantam-me, limpam-me, embalam-me, dizendo baixo coisas que não entendo:

– *Esta menina, coitadinha, deve estar com fome...*

E voltam a deitar-me, aninham-me no berço, puxam a roupa para cima, até ao meu queixo, alisam a dobra curta do lençol, e eu sinto-me de novo enfaixada, asfixiada pela camisinha, a fralda, o cueiro branco, o babete, a mantinha entalada no colchão, o xaile como uma nuvem de lã azul, a tirarem-me o ar. Sem me queixar, aquieto-me como se tivesse pegado no sono; então acabam por desistir.

Aturdida, adormeço levemente, para logo despertar em sobresalto, temendo que ela tivesse partido, abandonando-me naquele lugar desconhecido, inóspito, onde me aquieto, atemorizada.

Ali tudo é vazio e oco, nada tem ainda história para mim, nem qualquer referência, não percebo as palavras nem os sentimentos dos quais desconheço o significado, mas dou conta do meu imaginário, numa correnteza sem fim por dentro da linha do pensamento.

Pouco a pouco estou a perder a memória do meu começo, da minha origem, da forma como cheguei até aqui. Para mim ainda não existe passado – eu mesma me desconheço e nem entendo o sumiço dos odores espessos e das exultantes cores sanguíneas que desejaria ter memorizado para sempre, nem o porquê do súbito alvoroço do meu coração.

O que terei esquecido dentro da minha mãe,  
que me transmite esta imensa sensação de falha, de falta tão dilacerante e absoluta e absurda?

Perdimento e estilhaços?

Volto a abrir os olhos na claridade difusa do quarto, a tentar reencontrar-me nesta inusitada imobilidade de boneca aquietada debaixo do lençol fininho, de um tom de rosa muito claro e quebradiço.

Aquilo que eu não sei não tem ruído.



## DESOBEDIÊNCIA

Vínhamos da praia pelo sol do meio-dia.

Muito magra e loura, ela distanciava-se de mim a distrair-se com tudo à sua roda, naquele jeito que ainda guardava de adolescente bravia e cintilante.

Na véspera tinha havido uma ligeira névoa a nimbar o céu de anil, tecida por uma fina e translúcida humidade que subia do mar em dias de marés vivas.

Ah! – suspirou, num sussurro de satisfação desmedida...

Cheirávamos a mar e a sol e íamos deixando atrás de nós rastos irregulares de areia fina e irizada. As duas semicerrando os olhos azuis cheios de lágrimas, devido à claridade excessiva que nos atordoava.

Lembro-me de que naquele começo de tarde eu seguia-a repetindo e também inventando baixinho palavras sem sentido, numa melopeia dolente que me instigava, espécie de jogo de melodias por vezes dissonantes no qual me envolvia e voava, sandálias a balouçarem na ponta dos dedos, um dos pés descalço na berma do passeio e o outro logo abaixo no chão de terra batida.

Saltitando.

Foi então que ouvi dizer, reticente:

– *Calça as sandálias, Lucinha...*

Olhei-a e vi-a num cintilar de beleza aturdida, a fitar alheada o horizonte, e pensei: «*se calhar não foi ela que falou*». E procurei à volta quem me teria dado aquela inesperada ordem, enquanto continuava a andar saltando como antes, embora já desconfiada.

Mas ela tornou com uma pequeníssima mas aguçada ponta de irritação no tom de voz, mesmo assim ainda inalterada:

– *Calça as sandálias, Lucinha.*

Foi quando o coração me desandou no peito, e pela primeira vez nos meus dois anos a fazer-me crescer para além da idade que tinha, num sobressalto do qual nem sequer sabia o significado, primeiro estranhando o próprio sentir, mas de imediato dando conta de um secreto entusiasmo de menina teimosa – como me chamavam quando queriam obrigar-me a obedecer sem recalci-trar – ainda esvaziado de qualquer pensamento de acinte.

E prossegui a saltitar descalça, adorando a brasa do calor na planta dos meus pés nus.

Então a minha mãe puxou-me pelo pulso magrinho de menina frágil, dedos frementes com a dureza férrea e fria da algema. E com uma voz de gume implacável, desconhecida de ambas, repetiu pela terceira vez:

– *Calça as sandálias, Lucinha!*

Olhei-a nos seus grandes olhos lápis-lazúli inundados de luz e limitei-me a abanar negativamente a cabeça, seguindo descalça ora em bicos de pés ora numa corrida curta mas rápida que